

TEORIAS DE APRENDIZAGEM E A PRÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Frederico Andrade Brant¹
Guilherme Garcia Velasquez²

BRANT, F. A.; VELASQUEZ, G. G. Teorias de aprendizagem e a prática no processo de ensino-aprendizagem. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umarama, v. 18, n. 1, p. 127-146, jan./jun. 2018.

RESUMO: Ao discutir questões relacionadas aos processos de ensino-aprendizagem, impossível não desenvolver qualquer alusão no que se refere à união da teoria e prática, responsáveis pela construção do saber completo. Para tanto, o presente estudo, caracterizado por uma abordagem qualitativa e bibliográfica, traz como principal objetivo, o interesse em apresentar as teorias de aprendizagem, demonstrando a importância das atividades práticas no processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma discussão que carece de reflexão em todos os âmbitos do ensino, não obstante, das práticas do ensino superior. Como resultados, conclui-se que aliar teoria e prática na educação é de fundamental importância, por desenvolver no aluno capacidade crítica e reflexiva de pensamento, preparando-o melhor para enfrentar as adversidades do futuro mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem; Teoria; Prática; Educação.

DOI: 10.25110/educere.v18i1.2018.6799

¹Mestre em Tecnologia, Ambiente e Sociedade pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM, Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI e Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Teófilo Otoni-MG-FADITO. Advogado. Professor voluntário da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. E-mail: fredbrant@hotmail.com

²Doutor em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI, Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista-UNESP. Bacharel em Turismo e Hotelaria pela Universidade Norte do Paraná-UNOPAR. Bacharel em Administração pela Universidade Paranaense-UNIPAR. Professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. E-mail: guigave@hotmail.com

LEARNING THEORIES AND THE PRACTICE IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

ABSTRACT: When discussing issues related to the Teaching-Learning process, it is impossible to not mention the union of theory and practice, since they are responsible for the construction of knowledge. Therefore, this study, characterized by a qualitative and bibliographic approach, aims at presenting the learning theories, emphasizing the importance of practical activities in the teaching-learning process. This discussion truly needs a broad reflection in all levels of teaching, including those regarding high education. As a result, it can be concluded that the combination of theory and practice in education is essential for the development of students' critical and reflective thinking skills, making them better prepared to face the adversities of the future labor market.

KEYWORDS: Education; Practice; Teaching-learning; Theory.

TEORIAS DE APRENDIZAJE Y LA PRÁCTICA EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA APRENDIZAJE

RESUMEN: Al discutir cuestiones relacionadas a los procesos de enseñanza y aprendizaje, es imposible no desarrollar cualquier alusión al que se refiere a la unión de la teoría y práctica, responsables por la construcción del saber completo. Así, ese estudio caracterizado por un abordaje cualitativo y bibliográfico trae como principal objetivo el interés en presentar las teorías de aprendizaje, demostrando la importancia de las actividades prácticas en el proceso enseñanza aprendizaje. Cabe señalar que se trata de una discusión que realmente necesita una amplia reflexión en todos los niveles de la enseñanza, no obstante, de las prácticas de la enseñanza superior. Como resultados, se concluyó que combinar teoría y práctica en la educación es de importancia fundamental, por desarrollar en el estudiante la capacidad crítica y reflexiva de pensamiento, preparándolos para enfrentar las adversidades del futuro mercado laboral.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza y Aprendizaje; Teoría; Práctica; Educación.

INTRODUÇÃO

Impossível dissociar discussões relacionadas ao ensino-aprendizagem daquelas relacionadas à união entre teoria e prática. Não é, da mesma maneira errado, afirmar que todas elas contribuem para a construção de um saber completo. Daí a necessidade de, ao se considerar a prática de ensino, relevar a práxis educacional, via nova postura e habilidade dos docentes, como forma de democratização dos saberes.

Sobre o tema, Perrenoud (2002, p. 14-15) afirmou que:

O professor deveria adotar duas posturas fundamentais: a prática reflexiva e a implicação crítica. A prática reflexiva porque, nas sociedades em transformação, a capacidade de inovar, negociar e regular a prática é decisiva. Ela passa por uma reflexão sobre a experiência, favorecendo a construção de novos saberes. A implicação crítica porque as sociedades precisam que os professores envolvam-se no debate político sobre a educação, na escala dos estabelecimentos escolares, das regiões e do país.

É de se evidenciar, entretanto que, dado seu caráter imprescindível, as propostas de práticas acadêmicas devam ser consideradas auxiliares na construção do saber. Nesse sentido, o autor supracitado prelecionou que:

Dentre as competências para ensinar, destacam-se: a transposição didática baseada na análise das práticas, e suas transformações, de forma a oferecer uma imagem realista sobre as profissões; a aprendizagem por problemas à natureza da profissão, confrontando o estudante com situações próximas daquelas em que encontrará no trabalho e construir saberes a partir dessas situações e, por fim, uma verdadeira articulação entre a teoria e a prática, evidenciando que a formação é uma só, teoria e prática ao mesmo tempo (PERRENOUD, 2002, p. 17-23).

Deste modo, infere-se que a prática tem grande importância no processo de aprendizagem, na medida em que se apresenta como um ele-

mento que fortalece o processo de aprendizagem de maneira substancial e fomenta os caminhos para que os discentes possam assimilar os conteúdos que lhes serão propostos em sala de aula.

Cumpra também dizer que o presente trabalho, de caráter qualitativo e bibliográfico, intenciona trazer à tona, a possibilidade de reflexão em torno dos processos de ensino-aprendizagem, da mesma forma que vislumbra relacioná-lo à dualidade teoria e prática, imprescindíveis no processo de construção educacional, essenciais na formação de quaisquer níveis educacionais, por desenvolver no aluno capacidade de reflexão crítica e reflexiva, preparando-o para o futuro mercado de trabalho.

ASPECTOS TEÓRICOS DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM, A ABORDAGEM PRÁTICA NESSES CONCEITOS E SUA IMPORTÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Na busca por desenvolver uma apresentação sobre algumas generalidades acerca dos processos teóricos de ensino e aprendizagem, tem-se, inicialmente, a máxima, de que a sociedade contemporânea tem passado nos últimos anos por inúmeras transformações nos diversos setores que a compõe. Dessas modificações constantes, depende-se na educação que as instituições de ensino e seus professores devam estar preparados para o processo de ensino e aprendizagem, adaptando-se a essas novas realidades.

Essa sociedade, por encontrar-se nesse contexto, exige do sistema educacional o preparo adequado do aluno para enfrentar sua futura realidade profissional. E é nesse contexto que cabe ao educador estar inteirado dessas transformações, conduzindo o estudante a um aprendizado completo.

O sistema de educação exige, na atualidade, cada vez mais do profissional do ensino, maiores competências para lecionar e ao mesmo tempo para aprender. Nesse sentido, afirmou Machado (2008, p. 15) que as “exigências com relação ao perfil dos docentes da educação profissional estão, hoje, cada vez mais elevadas”.

Verifica-se que, desde o nascimento, uma criança inicia seus primeiros passos no processo de aprendizagem quando se alimenta do leite materno, deglute esse alimento e respira ao mesmo tempo. Advém daí a necessidade de aprendizagem, inicialmente, sobrevivência.

Após certo tempo, essa mesma criança passa por sua evolução fisiológica, e por esse motivo, abstêm-se de se alimentar do leite materno e inicia sua nutrição com frutas, verduras e sucos. Essa segunda etapa de mudança na vida desse infante, constitui-se no seu segundo processo de aprendizagem, de cunho alimentar.

Também constituem etapas do aprendizado de uma criança o ato de caminhar, a convivência em sociedade, sua regular alfabetização e instrução escolar.

Por esses motivos concluiu-se que a necessidade de aprendizagem é algo inerente ao ser humano, desde seu nascimento, e evidencia-se dessa forma, que todo sujeito tem sua maneira própria de aprendizagem e os meios de construir conhecimento, por meio desse processo que se inicia desde o nascimento e constitui-se em molde ou esquema, sendo fruto do inconsciente simbólico (FERNANDÉZ, 2001).

Mas o que é aprendizagem?

A APRENDIZAGEM

Verifica-se no estudo da Psicologia da Educação que tarefa difícil é conceituar a aprendizagem, dadas suas inúmeras correntes teóricas.

No bojo dessa discussão, percebe-se que o conceito de aprendizagem é complexo, por envolver o comportamento dos seres humanos e todos os animais, em todas suas facetas (GIL, 2006).

Etimologicamente, a palavra “aprendizagem” deriva do latim *apprehendere*, que significa “apoderar-se”. A aprendizagem é, pois, aquisição de conhecimento e de habilidade. Ela pode ser definida como um processo de integração e adaptação do ser ao ambiente em que vive, implicando, pois, em mudança de comportamento (ÁVILA, 1967).

Entende-se, também, por aprendizagem qualquer mudança relativamente permanente no comportamento, que ocorre como resultado do estudo, ensino ou da experiência (ROBBINS, 2002).

Constata-se, deste modo, que as definições descritas acima abordam tão somente o caráter comportamental da aprendizagem, reduzindo-a ao seu aspecto comportamental, estabelecendo-se o que se aprende ao modificar-se a conduta. Essa mudança se dá como um resultado da aprendizagem, mas não define o fenômeno, pois não é só a aprendizagem que provoca alterações na ação/prática/modo.

Nesses termos, tem-se que a aprendizagem gera:

[...] uma modificação externa, de tipo físico (no comportamento), mas não se encerra nela, visto ser produto de outra transformação, interna, de caráter psicológico, que permite alcançar determinado objetivo. No plano psicológico, age a integração de todos os processos psíquicos, como os cognitivos, afetivos e comportamentais no nível da personalidade, complementando o processo de aprendizagem (PETROVSKI, 1980, p. 204-205).

Infere-se, assim, que quando se refere à modificação como característica principal da aprendizagem, não somente o fazem com respeito ao comportamento (aspecto externo), mas também no que se refere às estruturas internas, cognitivas e afetivas, como as bases dessa modificação comportamental.

Consequentemente, a aprendizagem pode ser conceituada de maneira mais completa como um processo no qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, para construir de modo progressivo e interminável suas representações do interno (o que pertence a ele) e do externo (o que está *fora* dele) numa constante inter-relação biopsicossocial com seu meio e fundamentalmente na infância, por meio da ajuda proporcionada pelos outros (DÍAZ, 2011).

Formalizada a discussão teórica acerca da definição do processo de aprendizagem, cumpre, a partir deste ponto do trabalho, tecer breves considerações sobre suas características.

CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

No intuito de coligir o processo de aprendizagem em classes, de acordo com um sistema ou método, algumas características a seguir são propostas.

De acordo com a obra “Psicologia da Aprendizagem”, o processo de aprendizagem é caracterizado como: *Processo dinâmico* – O processo de aprendizagem carece de intensa atividade do seu sujeito passivo, nos aspectos físicos, emocionais, sociais e intelectuais. A atividade pode ser externa ou física e interna ou intelectual; *Processo contínuo* – o ser humano inicia suas atividades de aprendizagem na infância e desenvolve esse processo ao longo de toda sua vida; *Processo global* – O comportamento humano é formado por vários aspectos, como os motores, emocionais e

mentais, como produtos da aprendizagem. A mudança de comportamento se dá pelo uso de todos esses aspectos citados e com vistas a atingir o equilíbrio; *Processo pessoal* – A aprendizagem é intransferível de um indivíduo para o outro. Este processo, no que diz respeito ao modo e ritmo, varia de pessoa para pessoa; *Processo gradativo* – O processo de aprendizagem se inicia pequeno e à medida que se desenvolve, engloba novos aspectos e se torna cada vez mais complexo; *Processo cumulativo* – Os conhecimentos adquiridos no processo de aprendizagem se acumulam dada a experiência de cada um. O conhecimento ocorre pela automodificação, ou seja, só se aprende senão por si e si mesmo (CAMPOS, 1987).

Dentro dessa temática, outra classificação diversa da acima mencionada se apresenta no estudo da aprendizagem, considerando esta e o ensino como processos que devem ocorrer conjuntamente.

De acordo com Pozzo (2002), a aprendizagem deve ser transferível para outras situações, ou seja, uma das características desse processo é a transferência do que foi adquirido para outras situações e quando essa transferência não é realizada, nota-se pouca eficácia do que foi aprendido, visto que na nova sociedade da informação, é grande a necessidade de transferência dos conhecimentos obtidos para novos contextos.

Assim, a aprendizagem é consequência direta da prática realizada, ou seja, o processo eficaz depende da adoção de estratégias do conhecimento e práticas que permitam ao alunado tomar consciência dos objetivos, dos processos e dos meios facilitadores da aprendizagem.

Nesse sentido, Pozo (2002, p. 76) complementou seu pensamento afirmando que “se entendermos o ensino como um processo centrado na pessoa e direcionado à aprendizagem, pode-se dizer que ensinar e aprender são verbos que tendem a ser conjugados juntos”.

Assim, percebe-se que na atual sociedade da informação, o que se aprende traz como consequência a evolução. Sendo assim, este progresso deve ser aplicado, de igual modo, às formas de ensinar, para atender a demanda necessária. Clara é a idéia da necessidade da construção de novos conhecimentos que transformem o sujeito da aprendizagem.

TEORIAS DA APRENDIZAGEM

Após regular a definição e caracterização da aprendizagem, chega-se, por consequência, ao momento de tecer considerações sobre as abordagens teóricas que procuram explicar o referido processo, contextu-

alizadas em seu momento histórico de formação.

Dentre os diversos autores que teorizam este processo, destacam-se os trabalhos de Bordenave (1984), Libâneo (1982), Saviani (1984) e Mizucami (1986), que classificam e agrupam essas correntes nos moldes a seguir dispostos.

No que se conhece por Teoria Tradicional, tem-se que seus conhecimentos são adquiridos pela humanidade ao longo dos anos. Esse processo se dá por meio dos professores nas salas de aula, onde o aluno é mero depositário de informações. Para ela, a escola é o local ideal para aprender.

Nesses termos, afirma-se ser essa abordagem a “pedagogia da transmissão”, que valoriza os conhecimentos e valores a serem transmitidos (BORDENAVE, 1984).

Outra identificação para a abordagem acima aludida é a de que, a mesma é compreendida como pedagogia liberal em sua versão conservadora e enfatiza-se que o papel da escola é de formação intelectual e moral dos alunos, para que esses possam assumir o seu papel na sociedade. Na versão conservadora, a pedagogia liberal se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa (LIBÂNEO, 1982).

Já de acordo com Santos (2005), para essa corrente, os elementos relevantes sobre a abordagem tradicional são o aluno, a escola, o professor e o ensino-aprendizagem.

Por seu turno, a Teoria Comportamentalista também enfatiza o objeto e o conhecimento, valendo-se do meio para moldar o comportamento social, considerando o homem produto do meio. Tal abordagem, adotada por Bordenave (1984), se baseia nas mudanças de conduta vividas pelo indivíduo e denomina-se “pedagogia condutista”.

O enfoque sociológico da educação, por seu turno, é também privilegiado como parte da pedagogia liberal, em sua versão renovada progressista, dando enfoque ao “movimento da tecnologia educacional”. Esse foi o posicionamento adotado por Libâneo (1982).

Para Saviani (1984), essa teoria é identificada como “pedagogia tecnicista”, onde o elemento principal passa a ser a organização dos meios, onde professor e aluno ocupam posição secundária nesse processo.

Verifica-se aqui a relação estreita do processo de aprendizagem

com o comportamento, onde o homem é manipulável pelos conhecimentos decididos em sociedade ou por seus dirigentes.

Outra Teoria que faz parte desta discussão teórica é conhecida por “Humanista”, a qual possui como objeto principal o aluno, mas com características de interação entre sujeito e objeto.

Segundo Rogers (1972), há nela ênfase das relações interpessoais, objetivando o crescimento do indivíduo, em seus processos internos de construção e organização pessoal da realidade, de forma que atue como uma pessoa integrada.

Nesse contexto, o docente atua como mediador da aprendizagem, ou seja, fornece condições para que os alunos aprendam, privilegiando-se o relacionamento das pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

Pensamento diverso discorre afirmando contrariamente que a escola renovada propõe a auto-educação, onde o aluno é sujeito do conhecimento, em oposição aos conteúdos.

Esse foi o entendimento de Libâneo (1982) quando afirmou que a escola é democrática, ou seja, acessível a todos, elevando a condição do aluno e seu desenvolvimento. Para ele, o estudante é considerado ser participativo e é o objeto de estudo dessa definição. Complementou, ainda, que no processo de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento do aluno está atrelado ao seu desenvolvimento psicológico e as disciplinas devem ser lecionadas conforme interesse do discente.

Já a Teoria Cognitivista estuda interação entre sujeito e objeto, sendo o aprendizado decorrente da assimilação do conhecimento pelo sujeito e também da modificação das estruturas mentais já existentes e tem como principais estudiosos Jean Piaget e Jerome Bruner.

De acordo com Santos (2005), a corrente cognitivista defende que o pensamento é a base da aprendizagem, que se constitui em um conjunto de mecanismos onde é o indivíduo quem se que movimenta para se adaptar ao meio ambiente. Aqui o conhecimento é adquirido por meio de uma construção dinâmica e contínua.

Complementou ainda Libâneo (1982), sobre o cognitivismo, que na idéia de aprender fazendo, são valorizadas as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social e o método de solução de problemas.

Resumidamente, trata-se de teoria que eleva como importante o

aprender a aprender e não simplesmente o aprendizado isolado. O aluno tem liberdade para aprender, é considerado plenamente participativo nesse processo. O relevante é o desenvolvimento da inteligência, que se dá com as trocas no meio onde o aprendiz está inserido.

Por fim, nomina-se a Teoria Sócio-Cultural, aquela que apresenta como objeto de estudo a interação entre sujeito e objeto a ser estudado, mas com ênfase no sujeito como criador do conhecimento. Para referida abordagem, o conhecimento não se constrói somente no interior da escola, via seus ensinamentos formais, mas também no seio social. Trata-se de ato político que visa desenvolver reflexões críticas, comprometido com a sociedade e sua cultura.

No estudo desta abordagem, informou Bordenave (1984, p. 42) que “[...] a situação preferida é quando o aluno enfrenta, em situação de grupo, problemas concretos de sua própria realidade. O aluno desenvolve sua consciência crítica e seu sentido de responsabilidade democrática baseada na participação”.

Assim como o autor acima mencionado, afirma-se que não há referências diretas dessa abordagem, mas entende, sob esse viés, que a educação é instrumento de discriminação social e se dá mediante seus condicionantes sociais. A educação depende da sociedade, como reprodução desta (SAVIANI, 1984).

Apesar de diversos teóricos e abordagens que discutem o processo de aprendizagem, verifica-se que tais conceituações são insuficientes para conceituar, de maneira isolada, o fenômeno do aprendizado. O processo de educação se evidencia complexo e por isso não pode ser analisado somente pela ótica de um teórico ou outro, devendo ser considerado em sua magnitude, sendo analisados diversos aspectos conceituais e práticos para sua melhor consecução, onde esta permitirá a concretude da teoria, pela realização do que já fora idealizado.

ASPECTOS PRELIMINARES DA RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo de aprendizado quase sempre foi pautado no uso das definições teóricas, com a justificativa do saber pautado no raciocínio puro e metodológico.

Em contraposição a esta teorização, os empiristas vislumbram a teoria como verdadeira somente após sua regular experimentação.

Já os praxistas analisam o fenômeno do ensino por um viés não dicotômico como os citados, mas fundamentado no conhecimento pleno que une teoria e prática.

Nesse sentido, enuncia-se que “as principais fontes de conhecimento seriam a observação, a experimentação e o raciocínio indutivo e dedutivo” (CAJAL, 1979, p. 1).

Verifica-se pela afirmação acima transcrita que nenhum desses elementos debatidos fornece, isoladamente, o resultado adequado do saber, com a mesma eficácia que se verificaria com a junção dos dois. Assim, o processo de transmissão do conhecimento e seu aprendizado devem ser fundamentados na teoria e instrumentalização técnica, para uma prática pedagógica plena.

As pesquisas sobre ensino e formação de professores priorizam o estudo de aspectos políticos e pedagógicos amplos, sendo os saberes escolares e os saberes docentes pouco valorizados e raramente problematizados, tanto pela pesquisa acadêmica como pelos programas de formação de professores (FIORENTINI ET. AL., 1998).

Sob a égide dessa informação, mister se faz a compreensão de como a relação teoria-prática é estruturada no contexto pedagógico, elevando-se a importância da junção desses dois campos no processo de aprendizagem.

ELEMENTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA, SEGUNDO SEU MOMENTO DE FORMAÇÃO

No contexto histórico, verifica-se que, desde os primórdios até o advento do Iluminismo, no século XVII, o conhecimento era pautado no sobrenatural, advindo da inspiração divina.

Com a chegada dos filósofos das Luzes, novos conceitos foram verificados. O conhecimento pautado no sobrenatural foi substituído pelo uso frequente da razão e a ciência passou a se fragmentar em inúmeros setores, ocorrendo o fenômeno da especialização, vivenciado até os dias de hoje.

O advento do capitalismo, que dividiu a sociedade em classes, bem como fomentou a separação do trabalho, trouxe também a separação entre prática e teoria.

Nesse sentido, afirmou Candau e Lelis (1999, p. 65) que “na re-

lação teoria-prática se manifestam os problemas e contradições da sociedade em que vivemos que, como sociedade capitalista, privilegia a separação trabalho intelectual – trabalho manual e, conseqüentemente, a separação entre teoria e prática.

Para os referidos autores, ambos os termos derivam do grego, onde “teoria” significa observar, contemplar, refletir, enquanto a palavra “prática” tem conotação de agir. Eles também classificaram a relação entre teoria e prática segundo uma visão dicotômica e outra de unicidade.

Para a visão dicotômica, teoria e prática se separam, num patamar de autonomia de uma em relação à outra. Essa visão delineada tem uma subclassificação, ou seja, uma visão extremista, denominada de dissociativa, onde teoria e prática são componentes isolados e incomunicáveis entre si. Já na visão de unicidade, teoria e prática são dois componentes indissolúveis da *práxis* definida como atividade teórico-prática, ou seja, possui um lado ideal, teórico e um lado material, propriamente prático, com a particularidade de que só artificialmente, por um processo de abstração é que se pode separar um do outro. Essa relação não é direta nem imediata, fazendo-se por meio de um processo complexo, no qual algumas vezes se passa da prática à teoria e outras desta à prática (VÁSQUEZ, 1977).

A visão de unicidade delineada demonstra a necessidade de superação dessa dicotomia desses dois pólos do processo de aprendizagem. Dessa maneira, os conteúdos ministrados em sala de aula devem trabalhar a unidade dessas esferas do saber, a fim de que se garanta a totalidade da prática pedagógica.

Nesse diapasão, de acordo com Candau (1997), o que se propõe é a propositura de uma nova concepção e uma reestruturação das relações de poder presentes na licenciatura, assumindo a necessidade de haver uma colaboração mútua entre as unidades específicas de educação.

Somente dessa maneira, o processo de aprendizagem e ensino será efetivado em sua maior tarefa: transmitir de maneira completa o conhecimento.

Passa-se, neste ponto, a analisar a relação teoria-prática segundo seu momento histórico de formação.

No estudo da filosofia, busca-se na Grécia antiga a conceituação da *práxis*, que designava a ação propriamente dita. Vásquez (1977) afirmou tratar-se de ação que não cria ou produz um objeto alheio ao agente

ou a sua atividade. Ele ainda afirmou que, nesses tempos, o mundo grego repelia ou ignorava o mundo prático, assim como ocorria em Roma, visto que o modo de produção prática era atribuído aos escravos, destinando-se a teoria aos homens livres.

Aristóteles, no século IV a.C, foi um dos primeiros a conceituar a experiência como agregação do saber. Em sua obra “Ética a Nicômaco”, o filósofo dividiu a atividade humana em três patamares, a saber: a *práxis*, a *poiésis* e a *theoria*, sendo a primeira encarada como atividade ética e política, a segunda atividade produtiva e a última a busca pela verdade (KONDER, 1992).

Dessa maneira, verifica-se, portanto, o caráter dicotômico e explícito entre teoria e prática para a época discutida.

Sob o mesmo enfoque, também se afirmava que Platão admitia a legitimidade da prática política, mas considerada em sua essência, inferior à atividade intelectual (KONDER, 1992).

Na Idade Média, especificamente no feudalismo, apesar de não mais existir a figura do escravo grego, o trabalho era atribuído aos servos nos feudos, que se achavam vinculados aos seus senhores feudais, por dívidas, obrigações e impostos (SILVA, 1985).

Já com o Renascimento do século XV, uma mudança conceitual radical na definição da *práxis* surgiu no cenário social. O homem deixou de ser eminentemente teórico e tornou-se parte do processo de criação prática. Aqui, a “ação” já não era mais considerada atividade típica dos escravos, mas mantém a teoria patamar superior à atividade prática (VÁZQUEZ, 1977).

Com ascensão da burguesia no século XIX, o trabalho prático passou a ser valorizado, mas não os trabalhadores. A *práxis* passou a ser considerada atividade típica das classes dominantes.

Destaca-se, dessa maneira, que “era impossível conciliar *práxis* e *poiésis*, visto que a primeira era considerada exercício das elites” (KONDER, 1992, p. 79).

Ao contrário do pensamento burguês, Karl Marx trouxe a definição de prática transformadora, onde ação propunha trazer mudanças radicais no seio social. Para ele, a convivência social era essencialmente prática.

Aqui não se fala em separação de teoria e prática, visto que uma precede à outra. A *práxis* marxista constituiu-se, portanto como “ativi-

dade material do homem que transforma o mundo natural e social, para fazer dele um mundo humano” (VÁSQUEZ, 1977, p. 3).

No desenvolvimento de seus estudos, Marx demonstrou a falta de prática na Filosofia e propôs a metafilosofia, um exemplo claro na história da divisão entre teoria e prática.

Verifica-se, portanto, que a prática, antes rejeitada por ser atividade de classes não dominantes, passou a despontar no cenário social como coadjuvante no processo de humanização e teve sua devida importância resguardada também no campo educacional, na medida em que fornece substrato para sua complementação, pela vivência quotidiana de ações que complementam o processo de aprendizagem.

Desta maneira, evidenciados os aspectos teóricos da *práxis*, dentro de seu processo histórico de formação, cumpre tecer breves considerações sobre a importância da relação teoria-prática no processo de ensino e aprendizagem.

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA APRENDIZAGEM

É sabido que o aluno adquire conhecimentos ao longo de sua vida de estudante e que, num futuro, colocará em prática todo conteúdo aprendido, em sua vivência profissional. Evidencia-se, assim, que o exercício de qualquer profissão é prático, na medida em que se trata de fazer algo ou ação.

Nesse sentido afirmou Pimenta (2001, p. 28) que:

se o curso tem por função preparar o futuro profissional para praticar, é adequado que tenha a preocupação com a prática. Diante da impossibilidade do curso assumir o lugar da prática profissional (que o aluno exercerá quando for profissional), o seu alcance será tão somente possibilitar uma noção da prática, tomando-a como uma preocupação sistemática no currículo do curso.

Complementando esse raciocínio, Iocohama (2011, p. 186) explicitou que:

é inegável que a prática tenha papel fundamental na aprendizagem, na medida em que se apresenta como um elemento

que fortalece o processo de retenção de forma significativa, promovendo meios para que o aluno tenha uma estrutura cognitiva preparada para assimilar os conteúdos potencialmente que lhe serão propostos e exercer as práticas de tais conteúdos, como maneira de assegurar o conhecimento.

Referido autor (2011) disse ainda que a prática exige ação do aluno, que vai além de ouvir exemplos práticos. Ela não deve ser pensada apenas no futuro, mas especialmente no tempo em que se está a tratar da abordagem teórica.

Nesse sentido, verifica-se que o estudioso evidencia o caráter de unicidade dessas suas formas de saber.

Proclama-se, assim que toda atividade consciente do homem é guiada pela união da teoria e da prática, na forma histórico-social da atividade-trabalho, envolvendo, a um só tempo, valores cognitivos e práticos. Toda ação humana realizada com base no princípio da vinculação teoria-prática ocupa posição científica na atividade consciente do homem (RAYS, 1996).

O que se verifica pelas alegações acima debatidas é que teoria e prática devem caminhar sempre juntas, visto que a prática sobre a reflexão é fundamental para a formação do futuro profissional.

A necessidade de associar, simultaneamente, no mesmo processo, a alternância entre situações de formação e situações de trabalho ajuda-nos a “pensar a atividade profissional e a atividade de formação numa perspectiva por um lado integrada e, por outro lado, numa perspectiva diacrônica, isto é, inserida na flecha do tempo, enquanto fenômenos únicos e dotados de irreversibilidade” (CANÁRIO, 2001, p. 36).

Exemplifica-se, assim, mais uma vez o caráter de unicidade entre teoria e prática, agora sob novo enfoque, elevando em seu discurso a impossibilidade de ruptura entre essas esferas do conhecimento.

Assim, não é incorreto afirmar que a educação atual encontra-se num plano maior da relação teoria-prática, que vai além da aprendizagem significativa de um conteúdo teórico e a relação com sua prática. É constituída num desafio envolvendo uma “prática pedagógica concreta” que “não estabelece, jamais, a ruptura entre o conhecimento (teoria) e a ação prática, tanto na produção em si, como o processo de transformação do real”, a ponto mesmo de negar a própria teoria (RAYS, 1996, p. 47-48).

O que se vislumbra com a presente discussão teórica é apontar que as atividades práticas são imprescindíveis para o processo de ensino e aprendizagem, na medida em que contribuem substancialmente para a formação do conhecimento do discente.

A interação que deve existir entre teoria-prática é de grande importância na formação do profissional, pois essa interação possibilitará que haja uma melhor interpretação dos conceitos, ou seja, a aula teórica junto com a aula prática facilitará um melhor entendimento dos conteúdos aplicados na sala de aula (FAZENDA, 1991).

O aluno, ao ingressar no mercado de trabalho, já terá vivenciado em sua graduação a vida profissional, colocando-se diretamente em contato com suas atribuições, o que lhe facilitará exercer suas obrigações futuras.

Por fim, cumpre anotar que a prática tem papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, por constituir-se um elemento que reforça o conhecimento, aumentando a retenção teórica de maneira significativa, fornecendo os meios para que o aluno tenha estrutura para assimilar os conteúdos teóricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente escrito buscou discutir, inicialmente, os aspectos teóricos do processo de ensino e aprendizagem, relacionando-os com as atividades práticas vivenciadas na produção do conhecimento.

Para tanto, delineararam-se algumas considerações sobre o instituto da aprendizagem, com exposição de suas características e teorias, bem como se refletiu sobre os aspectos preliminares da relação teoria-prática, culminando com a apresentação da importância da união desses pólos educacionais.

Dessa maneira, conclui-se que inegável é o papel da prática na formação do aluno, por contribuir em sua formação profissional, instigando nele o uso de raciocínio crítico e reflexivo, tornando-o mais preparado para enfrentar o mercado de trabalho.

Observou-se que as disciplinas de prática são fundamentais para uma formação global e satisfatória do aluno. Para tanto, os docentes responsáveis por essas disciplinas devem ter habilidades e competências para aproximar seus alunos de suas futuras funções.

Atualmente, a sociedade exige do profissional preparo e experiência para enfrentar as adversidades do mercado de atuação profissional, devendo ter o alunado maior prática para se despontar, fato esse que gera nesse profissional autoconfiança para seguir seus objetivos.

Nota-se como fato importante, que as aulas práticas instigam no aprendiz o entusiasmo, a participação e interesse, de maneira a permitir que o processo de ensino seja completo.

Atualmente, a qualidade do ensino superior tem sido muito debatida política e institucionalmente. É necessário analisar a contribuição das práticas pedagógicas no sucesso do aluno, numa sociedade cada vez mais competitiva, onde as instituições de ensino superior fixam metas de qualidade para atingir um aprendizado efetivo.

Constatou-se que as aulas práticas ajudam no processo de desenvolvimento e interação de conceitos científicos, permitindo que os estudantes aprendam a solucionar problemas complexos presentes no seu mundo. Esse processo torna-se importante tendo em vista o fato dos alunos se depararem com dificuldades na assimilação dos conteúdos, sendo provável que tais problemas encontram-se relacionados à ausência de prática educacional.

Ressalte-se que este artigo não tem como objetivo esgotar todo o conteúdo acerca das práticas exercidas na formação do discente, em seu processo de ensino e aprendizagem, mas sim estimular a produção de novos estudos envolvendo a temática, onde informações importantes poderão ser obtidas, permitindo não somente a verificação de diferentes ou similares abordagens, mas a contribuição da ampliação dessas discussões, visto que o melhor conhecimento desses aspectos auxilia na instituição de medidas e posturas que privilegiam a produção científica de qualidade.

Por fim, como contribuição, espera-se que o presente escrito possa auxiliar na maior inserção da prática de qualidade na formação universitária, para promoção da educação superior no país.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, F. B. de. **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo**. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

BORDENAVE, J. E. D. A opção pedagógica pode ter consequências in-

dividuais e sociais importantes. **Revista de Educação AEC**, n. 54, p. 41-45. 1984.

CAJAL, S. R. Regras e Conselhos sobre a Investigação Científica. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 1979.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CANÁRIO, R. A prática profissional na formação de professores: In: CAMPOS, Bártolo Paiva. **Formação profissional de professores no ensino superior**. Porto: Porto Editora, 2001.

CANDAU, V. M. Universidade e formação dos professores: que rumo tomar? In: CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.) Magistério, Construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997 *apud* LELIS, Isabel Alice. **Do ensino dos conteúdos aos saberes do professor**: mudança de idioma pedagógico? Educação e Sociedade, ano XXII, n. 74, Campinas: Cides, 2001.

DÍAZ, F. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

FAZENDA, I. C. A. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. Campinas: Papirus, 1991.

FERNANDÉZ, A. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando auto-rias de pensamento. Porto Alegre: Armed, 2001.

FIorentini, D.; SOUZA e MELO, G. F. Saberes docentes: Um desafio para acadêmicos e práticos. In: GERALDI, C. (org). **Cartografias do trabalho docente**: Professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras, ALB, 1998.

GIL, A. C. **Didática no Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2006.

IOCOHAMA, C. H. **O ensino do Direito e a separação dos eixos teóricos e prático**: interrelações entre aprendizagem e ação docente. 2011.

319 p. Tese (Doutorado em Educação) – FEUSP, São Paulo.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista da Ande**, n 6, p. 11-19. 1982.

MACHADO, L. R. S. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, Brasília: MEC/SETEC, v. 1, n. 1. 2008.

MIZUCAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

PERRENOUD, P. A formação dos professores no século XXI. In: PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Tradução de Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 11-33.

PETROVSKI, A. V. **Psicologia evolutiva y pedagógica**. Moscú: Progreso, 1980.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

POZO, J. I. Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAYS, O. A. A relação teoria-prática na didática escolar crítica. In: VEIGA, I. P. A. “(Org.)”. **Didática**: o ensino e suas relações. Campinas: Papirus, 1996.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. Tradução de Reynaldo Marcondes. 9. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

SANTOS, R. V. dos. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **Revista Integração**, Jan/Fev/Mar., Ano XI, n. 40, p. 19-31. 2005.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, F. A. **História Geral**: antiga e medieval. v. 1. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Recebido em: 06/03/2018

Aceito em: 28/03/2018